

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GRACIÉLE PEREIRA SOUZA

O PATRIMÔNIO CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA EM ITAQUI-RS

**Itaqui-RS
2021**

Graciéle Pereira Souza

O PATRIMÔNIO CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA EM ITAQUI-RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências e Tecnologia.

Orientador: Paulo Roberto Cardoso da Silveira

**Itaqui-RS
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S719p Souza, Graciele Pereira
O Patrimônio Cultural de Matriz Africana em Itaqui-RS /
Graciele Pereira Souza.
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA,
2021.
"Orientação: Paulo Roberto Cardoso da Silveira".

1. Patrimônio Cultural. 2. Memória coletiva. 3.
Subalternidade. 4. Trajetória Afro-Brasileira. 5. Escola de
Samba. I. Título.

Todos os direitos autorais reservados a Graciele Pereira Souza. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte. E-mail:souzasgra@gmail.com

GRACÍELE PEREIRA SOUZA

O PATRIMÔNIO CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA EM ITAQUI-RS

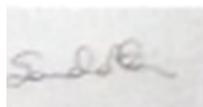
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências e Tecnologias.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Sandra Regina Coracini
UNIPAMPA



Prof. Dr. Vinicius Piccin Dalbianco
UNIPAMPA

Dedico este trabalho às minhas raízes,
aos meus ancestrais.....

AGRADECIMENTO

Agô! Axé!

Ao grande Pai Oxalá, a minha religião onde por inúmeras vezes busquei conforto espiritual, aos meu guias, guardiões.

A minha família, pelo carinho, amparo e palavras de incentivo nos momentos de desespero heheheh, por terem sofrido com a minha presença ausente, mas, que sem dúvidas este trabalho nos auxiliou na percepção, crescimento e desenvolvimento intelectual. Ao meu esposo *José Martins Alegre Júnior* pelas incontáveis horas de conversas, explicações, reflexões críticas, acerca do tema, instigando-me o tempo todo a buscar informações. Por ter mateado “solito” alguns dias.

Aos meus filhos *Lucas Souza e Willian Souza Alegre* por eles e para que as futuras gerações vejam e sintam representados a sua história, e o grande potencial que pode ser gerado a partir da cultura.

A minha família, mãe Sandra , pai José, tia Nara no decorrer do trabalho, descobri a minha história e o motivo pelo qual tenho amor que não conseguia explicar com o samba, a religião; A explicação veio em meio a conversas, tataravó *Otilia* foi escravizada, lindo negro meu avô materno, *in memorian Severiano de Souza Pereira*, presidente do Clube Aurora e da Escola de Samba Noel Rosa, combustível para seguir pesquisando.

Às minhas avós *in memorian Eva e Cândida*, sempre acreditaram e me incentivaram a estudar. Ela dizia: “um diplume é um diplume”. Já que nasci na Vila Nova, bairro periférico de Itaqui-RS, a única neta com graduação superior.

Ao meu Pai de Santo *Betinho da Oyá* pelas conversas acerca da religião, esclarecendo partes que ainda estavam incompletas, pois, a nossa história que é passada oralmente, de geração para geração, neste sentido o respeito aos que tem mais vivência.

As minhas amigas, Francini Araújo e Nathalia Rosa mesmo que virtualmente me ausentei dos encontros, mas, não deixaram eu esquecer que “*se tem uma*

“pessoa no mundo que conseguiu eu também consigo”, frase que uso para incentivá-las elas usaram para mim várias vezes. heheh

A todos os meus professores de curso. Em especial o professor *Vinicius Dalbianco* pelo incentivo ao protagonismo dos estudantes dentro da universidade e dentro do projeto, por ter escutado minhas angústias sempre com uma palavra de conforto, plantou uma sementinha em mim; Ao professor *Paulo Silveira*, mesmo sem ter sido meu professor na graduação nos encontramos no projeto de extensão e logo no Copene, congresso de pesquisadores negros, encantada comecei a me aproximar e a participar do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, sem estes, certamente essa pesquisa não teria ocorrido.

Aos sujeitos investigados por terem disponibilizado seu precioso tempo, para conversarmos e lembrarmos dos tempos de outrora, forneceram subsídios para esta pesquisa.

Minha gratidão aos professores da banca, *Sandra, Vinicius e Paulo* por terem aceito esse convite, mesmo diante de uma jornada longa e extenuante de trabalho.

Aqui finaliza se uma parte da trajetória, mas, certamente o começo de uma jornada, seguirei buscando conhecimento

Ubuntu!

“Ninguém ouviu

Um soluçar de dor

No canto do Brasil

Um lamento triste

Sempre ecoou

Desde que o índio guerreiro

Foi pro cativo

E de lá cantou

Negro entoou

Um canto de revolta pelos ares

No Quilombo dos Palmares

Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes

Pela quebra das correntes

Nada adiantou

E de guerra em paz

De paz em guerra

Todo o povo dessa terra

Quando pode cantar

Canta de dor

E ecoa noite e dia

*É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor”*

Composição de Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro

RESUMO

A preservação da cultura de um povo está intimamente ligada às memórias individuais e coletivas, ao quanto as pessoas conhecem sua história e reconhecem a sua importância para compreender o funcionamento da sociedade. Por meio da consciência sobre o patrimônio cultural construído por nosso grupo social podemos estabelecer estratégias para sua disseminação às gerações futuras. Neste trabalho investigativo, busca-se resgatar o patrimônio cultural de matriz africana presente no processo histórico-cultural de constituição da cidade de Itaqui-RS. Esta presença será constatada no vasculhar a memória social da comunidade negra. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter histórico e qualitativo, que visa identificar os patrimônios materiais e imateriais em espaços sociais como os clubes sociais negros, as escolas de samba, os terreiros, entre outros. A trajetória investigativa parte do resgate bibliográfico e de entrevistas com negros e negras, buscando-se registrar/compreender suas vivências na sociedade Itaquiense, retirando da invisibilidade elementos que fazem parte da estruturação das relações de dominação econômica, social e cultural. Utiliza-se como orientação teórica os conceitos de subalternidade e condição subalterna baseadas na obra de Anibal Quijano e José de Souza Martins, aliados às perspectivas de Maurice Halbwachs acerca da memória social. Concluímos com os elementos constituintes do patrimônio de matriz cultural africana em Itaqui-RS que são as escolas de samba, o terreiro e o clube social.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural, Memória Coletiva, Subalternidade, Trajetória Afro-brasileira, Escola de Samba.

THE CULTURAL HERITAGE OF AFRICAN MATRIX IN ITAQUI-RS

ABSTRACT

The preservation of a people's culture is closely linked to individual and collective memories, to the extent to which people know its history and recognize its importance in understanding the functioning of society. Through awareness of the cultural heritage built by our social group, we can establish strategies for its dissemination to future generations. In this investigative work, we seek to rescue the cultural heritage of an African matrix present in the historical-cultural process of constitution of the city of Itaquí-RS. This presence will be seen in combing the social memory of the black community. This is an exploratory research of a historical and qualitative character, which aims to identify material and immaterial heritage in social spaces such as black social clubs, samba schools, terreiros, among others. The investigative trajectory starts from the bibliographic rescue and from interviews with black men and women, seeking to record / understand their experiences in Itaquense society, removing from invisibility elements that are part of the structuring of economic, social and cultural domination relations. The concepts of subalternity and subaltern condition based on the work of Anibal Quijano and José de Souza Martins are used as theoretical guidance, coupled with the perspectives of Maurice Halbwachs on social memory. We conclude with the constituent elements of the heritage of African cultural matrix in Itaquí-RS which are the samba schools, the terreiro and the social club.

Keywords: Cultural Heritage, Collective Memory, Subalternity, Afro-Brazilian Trajectory, Samba School.

EL PATRIMONIO CULTURAL DE LA MATRIZ AFRICANA EN ITAQUI-RS

RESUMEN

La preservación de la cultura de un pueblo está íntimamente ligada a la memoria individual y colectiva, en la medida en que las personas conocen su historia y reconocen su importancia para comprender el funcionamiento de la sociedad. A través de la conciencia del patrimonio cultural construido por nuestro grupo social, podemos establecer estrategias para su difusión a las generaciones futuras. En este trabajo de investigación, buscamos rescatar el patrimonio cultural de una matriz africana presente en el proceso histórico-cultural de constitución de la ciudad de Itaqui-RS. Esta presencia se verá al peinar la memoria social de la comunidad negra. Se trata de una investigación exploratoria de carácter histórico y cualitativo, que tiene como objetivo identificar el patrimonio material e inmaterial en espacios sociales como clubes sociales negros, escuelas de samba, terreiros, entre otros. La trayectoria investigativa parte del rescate bibliográfico y de entrevistas a hombres y mujeres negros, buscando registrar / comprender sus vivencias en la sociedad itaquiense, sacando de la invisibilidad elementos que forman parte de la estructuración de las relaciones de dominación económica, social y cultural. Los conceptos de subalternidad y condición subalterna basados en el trabajo de Anibal Quijano y José de Souza Martins se utilizan como orientación teórica, junto con las perspectivas de Maurice Halbwachs sobre la memoria social. Concluimos con los elementos constitutivos del patrimonio de matriz cultural africana en Itaqui-RS que son las escuelas de samba, el terreiro y el club social.

Palabras clave: Patrimonio Cultural, Memoria Colectiva, Subalternidad, Trayectoria Afrobrasileña, Escuela de Samba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Itaqui	52
Figura 2 – Fotografia quadra escola de samba	52
Figura 3 – Fotografia quadra escola de samba	53
Figura 4 - Fotografia anima campus	53
Figura 5 - Fotografia anima campus	54
Figura 6 - Fotografia homenagem Iemanjá	54
Figura 7 - Fotografia religião Umbanda	55
Figura 8 - Fotografia batuque	55
Figura 9 - Fotografia evento Copene	56
Figura 10- Fotografia visita Igreja	56
Figura 11- Fotografia linha cruzada	57
Figura 12- Fotografia linha cruzada	57

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

pg. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

GRES. – Grêmio Recreativo Escola de Samba

IPHAN. – Instituto Patrimônio Humano Artístico e Nacional

NEABI - Núcleo Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas

SI. – Sujeito Investigado

SRES. – Sociedade Recreativa escola de Samba

LISTA DE SIGLAS

HTML - Hypertext Markup Language

HTTP - HyperText Transfer Protocol

XML - **eX**tensible **M**arkup **L**anguage

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO-----	17
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA-----	18
2.1	CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988-----	19
2.2	PATRIMÔNIO CULTURAL E SUBALTERNIDADE-----	21
2.3	A SUBJETIVIDADE ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO-----	22
3	BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE MUNICÍPIO ITAQUI-RS-----	26
4	METODOLOGIA-----	28
5	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS-----	30
5.1	PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO A COR-----	33
5.2	PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO CONDIÇÃO SOCIAL-----	35
5.3	PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO A RELIGIÃO-----	36
5.4	A SOCIEDADE ITAQUIENSE E A NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA E LUTA-----	38
5.4.1	ESCOLAS DE SAMBA-----	39
5.4.2	RELIGIOSIDADE POPULAR-----	41
5.4.3	RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA: UMBANDA-----	43
5.5	RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA-----	43
5.5.1	NAÇÃO/BATUQUE-----	45
5.5.2	LINHA CRUZADA-----	45
5.6	CLUBE SOCIAL-----	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	47
	REFERÊNCIAS-----	48
	ANEXOS-----	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o resgate do patrimônio cultural de matriz africana produzidos pela população negra na cidade de Itaqui-RS; este patrimônio é representado pelo samba, o qual para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é considerado patrimônio imaterial; terreiros e clubes negros, patrimônio material. Nesse espaço de representatividade social produziu-se, historicamente, um patrimônio imaterial, espaços sociais como meios de resistência para a preservação da identidade afro-brasileira; constituem-se em espaços sociais de vivência e reprodução dos patrimônios materiais e imateriais ali produzidos.

A trajetória investigativa partiu do resgate bibliográfico e de entrevistas com negros e negras, busca registrar/compreender suas vivências em espaços sociais na comunidade Itaquiense, retirar da invisibilidade elementos que fazem parte da estruturação das relações de dominação econômica, social e cultural.

A relevância deste estudo sobre o patrimônio cultural de matriz africana como um processo de construção social, situa-se no âmbito do incentivo ao respeito e valorização da cultura afro-brasileira. As memórias coletivas e individuais em um momento se entrelaçam para reconstruir o passado. Desta forma, a memória coletiva reconstituirá partes fragmentadas da história, no qual os elos se ligam, no intuito de reconstituir e garantir a identidade dos indivíduos e a preservação do seu patrimônio cultural. Quais foram as formas, os meios encontrados pela população negra para resistir e preservar sua cultura.

O trabalho está inserido em um conjunto de ações desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) Campus de Itaqui-RS, dentre as quais a constituição de um centro de memória da história e cultura Afro-brasileira no Clube Cassino, antigo clube social da cidade, referência para população negra.

O esforço coletivo realiza-se para que sejam preservadas as formas e manifestações dos usos e dos costumes tão presentes nesta cultura popular que resiste e permanece em determinados espaços sociais. Estes, mesmo que invisibilizados pela dominação da matriz cultural de origem europeia no processo de formação social do Rio Grande do Sul, observa-se nos “entremeios” do tecido

sócio-cultural as marcas da Matriz Cultural Africana.

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo exploratório sobre os patrimônios culturais materiais e imateriais produzidos pela população negra de Itaqui em diferentes espaços sociais e sua significância social e cultural; bem como analisar a memória coletiva produzida por esta, identificando sua inserção subalterna na sociedade; resgatando no percurso histórico da constituição da sociedade itaquense, a presença da matriz cultural de matriz africana; através da pesquisa de campo.

Primeiramente serão abordados os conceitos gerais sobre a literatura, a seguir contextualização dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 que garante o direito ao estudo, preservação dos patrimônios materiais e imateriais, na seção seguinte conceituaremos o tema subalternidade, buscando identificar o lugar ocupado por esses indivíduos na construção social, logo a seguir discutiremos sobre memória e esquecimento estes estão ligados, como um elo, complementando um ao outro, a memória coletiva dos grupos é o elo onde os indivíduos permanecem unidos. Logo a seguir uma breve consideração sobre o município onde ocorre a pesquisa, no capítulo seguinte abordaremos a forma como foi feita a pesquisa, na sequência veremos a apresentação pesquisa e a discussão dos elementos apresentados pelos sujeitos entrevistados. Finalizamos com uma reflexão sobre os elementos constituintes da cultura de matriz africana em Itaqui e sua condição subalterna no contexto de construção social da memória coletiva.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

O Brasil teve uma participação de destaque no regime escravista, o qual sujeitou ao cativeiro e à restrição de liberdade milhões de pessoas negras trazidas à força do continente africano. A Constituição imperial não declarou a existência da escravidão, mas dela poderia se inferir a existência e a legitimidade deste instituto, pelo ordenamento jurídico brasileiro.

No entanto, neste trabalho vamos falar sobre a Constituição Federal como balizador dos direitos civis. A escravidão, muitas vezes, é enxergada apenas como um fenômeno fático, percebido sob nuances sociológicas ou econômicas, a qual

simplesmente existia no Brasil até final do século XIX e que foi extinto por meio da Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, a conhecida “Lei Áurea”.

2.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

A Constituição Federal de 1988, através dos seus artigos 215 e 216 assegurou a sociedade em (re)estabelecer os parâmetros para o reconhecimento da consciência negra no Brasil.

Os direitos e garantias fundamentais estão em todos os artigos, inclusive no artigo 5, estabelecendo garantias que o estado dá em relação aos direitos e definem obrigações em sua ação; conforme o artigo 215:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

- I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
- II - produção, promoção e difusão de bens culturais;
- III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
- IV - democratização do acesso aos bens de cultura;
- V - valorização da diversidade étnica e regional.

Segundo estas determinações, o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, que apoia e incentiva a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Está claro que na constituição federal, não há equívoco em afirmar que o Estado deve proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e também de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Mais que isso! Conforme legislação máxima, o Estado disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Estabelece ainda o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro, produção, promoção e difusão de bens culturais, formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões, democratização do acesso aos bens de cultura, valorização da diversidade étnica e regional.

Nesta perspectiva, avança o texto constitucional, onde se destaca o patrimônio cultural como fonte máxima de arrecadação de fluxo das coletâneas para construir o nosso patrimônio histórico, como modo de extração cultural temos os bens materiais e imateriais.

Conforme o artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Os bens materiais são baseados nos elementos concretos de uma sociedade, representando a cultura e história de sua população. Tais bens de natureza material podem ser móveis ou imóveis. São considerados bens imóveis as estruturas físicas, como cidades históricas, sítios arqueológicos ou paisagísticos e bens individuais. Já os bens móveis, ou imateriais, são os objetos de arte ou de ofícios tradicionais, a forma de fazer os utensílios domésticos ou religiosos que, como o nome diz, podem ser retirados e transportados com facilidade por não estar fixados ou fazer parte indivisível do imóvel tombado.

2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL E SUBALTERNIDADE

Em um olhar mais perspicaz, o pesquisador das ciências humanas indaga por quais processos sociais e históricos subjazem a formação do Patrimônio Cultural de Matriz Africana, visando que seja reconhecido pela sociedade. Instiga-se a confrontar-se diante de questões relativas à condição racial neste caminho, possibilitando-se indagar sobre o “lugar” ocupado por estes indivíduos.

Para Gramsci (2002, p. 135),

"os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória 'permanente' rompe, e não imediatamente, a subordinação."

Verifica-se, em seu processo histórico, que "na realidade, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa, sob alerta."

Conforme o autor Anibal Quijano na obra a "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina", publicada em 2005,

"A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos".

Para compreender o lugar ocupado pelos indivíduos pertencentes a grupos sociais minorizados em sua participação e reconhecimento nos processos de instituição da sociedade brasileira, lança-se mão do conceito de subalternidade: fundamentado com base na dominação econômica legitimada na estrutura política e ideológica hegemônica na sociedade; na luta de classes, na dominação de uns sobre outros, aparecem os dominantes e dominados, sendo a classe trabalhadora vista pelo adjetivo “subalterno”.

No escrito de José de Souza Martins, na obra “Caminhada no Chão da Noite”, publicada em 1989, a subalternidade implica em tríplice condição: expropriação econômica (caracterizada pela exploração do trabalhador que contribui com a valorização do capital, ao qual não tem acesso), a exclusão cultural (caracterizada pela sonegação do conhecimento científico e o capital cultural que define as posições sociais; processo garantido pelo acesso precário à educação) e a dominação política (caracterizada na reprodução pelos subalternos dos valores e interesses da classe dominante).

Deste modo, a análise que empreendemos neste trabalho, assume a subalternidade da população negra como condição imposta no processo de dominação a qual foi submetida desde o regime colonial e que se metamorfoseia com o desenvolvimento do sistema de produção capitalista na forma periférica que assume no Brasil. Na modernidade o aprofundamento do sistema capitalista, as desigualdades econômicas, sociais e culturais se entrelaçam em um modo de subalternização de amplos contingentes populacionais, onde insere-se a população negra.

2.3 A SUBJETIVIDADE ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

O mundo contemporâneo, singularizado pelas intensas e profundas transformações tecnológicas, sociais e culturais, tem visto crescer as aflições em torno da relação retórica entre memória e esquecimento. Em particular, os grupos sociais ficam apreensivos com o repentino processo de remeter para a bruma da história elementos que constituíram sua identidade, hoje erodida. Conhecimentos são jogados no esquecimento e nada mais do passado parece fazer sentido.

Perante a esse contexto, no qual memória e esquecimento encontram-se necessariamente ligados, como um elo, complementam um ao outro, a progressiva

valorização da memória coletiva dos grupos, onde os indivíduos permanecem unidos por lembranças que lhes são intrínsecas, representa um esforço de preservação da história como elemento identitário.

Lembranças estas pensadas em comum, mesmo diante da diversidade de concepções de cada membro do coletivo, salvaguardando a identidade do grupo. Assim, percebe-se o sentimento de pertença a um grupo e localizando os indivíduos em seu “lugar” social. Importante tal noção de identidade, pois permite situar o grupo e seus membros em uma condição subalterna.

Objeto de pesquisa das mais variadas áreas da neurociência, psicologia, biologia, medicina e das ciências humanas, a memória implica na complexidade da relação entre viver-conhecer, tece uma base que fornece sentido às trajetórias individuais e coletivas.

A pessoa ao lembrar de fatos ou fenômenos que fizeram parte de um passado, revive suas experiências vividas coletivamente e adquiridas pela interação com seus entes mais próximos. Rememorar significa um apelo emocional, pois se resgata momentos que trazem de volta sentimentos e percepções sobre si e os outros; e também um apelo cognitivo, pois se trata de uma oportunidade de refletir sobre sua história pregressa.

Quando lembramos, não visualizamos fatos, mas os fatos de acordo com a leitura que fizemos deles; e tais leituras se ancoram nas noções e conhecimentos que adquirimos durante a vida, o Habitus na terminologia do sociólogo Pierre Bourdieu. O ato de memorar, que se realiza no agora, no presente, terá como ponto de partida algo como: um cheiro (do doce da avó feito no fogão a lenha, um sentimento vivenciado de alegria ou tristeza, das brincadeiras ao ar livre com os primos e amigos, uma palavra que marcou, etc...); todos estes elementos têm significados e sentidos estruturados coletivamente.

“lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

A memória é inevitavelmente selecionada, então, tem relação direta com reviver e com esquecer. Somos incapazes de rememorar a maior parte das coisas que vivemos.

Quando resgatamos fatos ou acontecimentos, lembramos fragmentos, os quais indicarão quais elementos significativos foram produzidos no passado e nos impactaram mais naquele momento. Por isso, lembramos imagens soltas, as quais marcaram nossas vidas, mesmo que os contextos que as geraram nos fujam em uma primeira tentativa de rememoração¹. Para ir além e descortinar tais contextos surgem as iniciativas de documentação e resgate da memória coletiva de grupos sociais a que pertencem estes sujeitos em processo de releitura do passado.

Dentre destas iniciativas, temos os Centros de Documentação e Centros de Memória; o centro de documentação assume uma dimensão mais técnica, abrange conhecimentos de áreas específicas, como da museologia, da arquivologia, da biblioteconomia, da ciência da informação; compreende diversas tipologias de acervo sobre um determinado assunto.

O centro de memória é mais analítico, com base na antropologia, sociologia e na história; estrutura-se a partir de competências fundamentais para entender, conhecer e delimitar quais documentos históricos serão reunidos no acervo.

Existem pontos convergentes entre estes espaços de memória: “os centros de documentação, assim como os museus, arquivos e bibliotecas têm como principais objetivos: recolher, tratar, transferir e difundir informações” (BELLOTTO, 2006, p. 232).

Mas o que é um centro de memória? Seria uma fundação, uma organização de utilidade pública ou de caridade; a qual teria por objetivos: resgatar, guardar, difundir, conservar e re(valorizar), re(significar) a trajetória de grupos sociais integrantes da sociedade onde está inserida. Fundamenta-se na sociologia, história

¹ Na pesquisa que temos realizado, o uso da história oral como forma de aproximação do objeto de estudo, têm demonstrado que ao serem questionados sobre o passado, surgem imagens e fatos significativos no rememorar dos sujeitos de pesquisa; o seu discurso não apresenta, necessariamente, em um primeiro momento, uma coerência e uma riqueza em detalhes, mas ao longo do diálogo imagens e fatos passam a encaixar-se em um mosaico ainda incompleto, o qual representa parte da memória coletiva do grupo social do qual faz parte. Esta memória coletiva ativa lembranças de cada um dos sujeitos investigados, as quais vão tecendo um conjunto indicativo de como este grupo social vivenciou seu passado.

e antropologia. São criados com o intuito de contar a história de um grupo social ao longo do tempo. Surgiram na década de 1970 no Brasil, quando o patrimônio documental nacional passou a ser organizado.

Os centros de memória surgiram no ambiente acadêmico, sendo inicialmente, suas áreas de abrangência as áreas tecnológicas e das ciências naturais, mas não demorou em se expandir para as áreas de ciências humanas. Logo se extrapola o mundo acadêmico, com empresas e o terceiro setor investindo em trabalhos de resgate de memórias ou memoriais.

Cabe aos centros de memória robustecer seu papel histórico e social, tratar com valor o seu patrimônio, transmitir e propagar a todos. Tornar evidente o enraizamento de sua história, mostrar que está em permanente interação com a sociedade, essa é uma via de mão dupla entre o espaço constituído e os grupos sociais que se sentem reconhecidos. É necessário que haja engajamento pela preservação do patrimônio por todos que façam parte ou que venham se somar nesse trabalho dos Centros de Memória.

Não esqueçamos que a Memória é uma construção coletiva e individual, um conjunto de saberes, expressões, crenças, modos de vida e visões de mundo de homens e mulheres de uma localidade, sociedade ou de grupos sociais dentro desta. Relações sociais que sempre estão em constantes transformações, pois, não são estáticas e se modificam com o passar do tempo e diante das ações dos indivíduos.

Conforme Pierre Bourdieu na obra “Escritos de Educação”, publicada no ano de 1998, afirma que:

“o capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo”. pg,65.

Estas relações podem ser percebidas por quem observa, por outras pessoas de fora do grupo, e também pelos próprios indivíduos, essa rede de relações é unida por elos duráveis e vantajosos.

Para o autor o capital cultural aglutina o conhecimento formal e informal, ocorre no sistema educativo (na escola) ou pela família, a estes atribui o sucesso ou

insucesso escolar e profissional. E seria fator de reprodução e não de democratização da sociedade, assume papel importante servindo para a estratificação social, já que as pessoas tendem a se relacionar com quem tem o mesmo volume de capital cultural.

“Instrumento de poder no nível individual na forma de um conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo ambiente familiar e pelo sistema escolar. É um capital porque pode ser acumulado ao longo do tempo e também, em certa medida, a transmissão aos seus filhos, a assimilação deste capital a cada geração é uma condição de reprodução social”. pg. 193).

Nas palavras de Bourdieu o poder é dividido em quatro tipos, o capital econômico que abrange os recursos materiais; o capital cultural; o capital social e o capital simbólico está associado a honra, prestígio, e status.

Nas palavras de Pierre Bourdieu:

“Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se a pessoas em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética e, principalmente, as maneiras e a conduta)”. pg,193.

3 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O CENÁRIO DA PESQUISA - O MUNICÍPIO ITAQUI -RS

O município de Itaqui localiza-se às margens do rio Uruguai, faz fronteira com a Argentina (cidades de Alvear e La Cruz) e no Brasil faz fronteira com os municípios de Uruguaiana, São Borja, Manoel Viana, Alegrete e Maçambará. Em 06 de dezembro de 1858 foi desvinculada do município de São Borja, com população aproximadamente 4000 mil pessoas.

A origem do nome Itaqui vem da língua guarani, povo que habitava esse território na época das reduções jesuíticas, seu significado é: ita, pedra, e ku'i, areia, mole. A economia Itaquense é baseada na pecuária e na agricultura, destacando-se a cultura do arroz. A área territorial é de 3.406,606 km². Com população estimada em 37.489 habitantes, conforme o censo de 2020. A população negra de Itaqui, composta por pardos e pretos, sua soma equivale a 10.505 mil pessoas, dados do IBGE censo de 2010. Conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Cor ou raça e população residente em números.

Cor ou raça	População Residente
Amarela	63
Branca	27.567
Indígena	23
Parda	9.161
Preta	1.344

Fonte: própria autora, adaptado do IBGE censo 2010.

4 METODOLOGIA

A pesquisa assume cunho exploratório, de campo, com caráter histórico e qualitativo, visando identificar os patrimônios materiais e imateriais preservados na memória coletiva da população negra. Como eixo norteador da pesquisa, busca-se nos espaços de resistência negra, como os clubes sociais negros, as escolas de samba e os terreiros, localizar em sua construção histórica pessoas que possam contribuir no resgate do patrimônio cultural da população negra de Itaquí.

A trajetória investigativa parte do resgate bibliográfico e de entrevistas com cidadãos negros e negras, buscando-se registrar/compreender suas vivências na sociedade Itaquense, retirando da invisibilidade elementos que fazem parte da estruturação das relações de dominação econômica, social e cultural. Através destes registros de fragmentos da memória coletiva, pretende-se compreender o processo de subalternização que acomete a população negra e como ela percebe sua condição subalterna.

Entrevistou-se oito pessoas negras da comunidade Itaquense, escolhidos aleatoriamente nos espaços da escola de samba, terreiros (Babalorixás e Yalorixás) e Clube Social Cassino, envolvendo o atual presidente e associados; os entrevistados, atuantes na comunidade Itaquense, estão na faixa etária de 26 e 72 anos de idade, sete pessoas se autodeclararam pretas e uma indígena. A escolha dos entrevistados deu-se pelo protagonismo na liderança de terreiro, escola de samba e no clube social.

Problematiza-se, a partir desses elementos que são constituintes do patrimônio cultural de matriz africana, o pertencimento étnico-racial de cada um, sua

identidade como cidadão negro; busca-se perceber a forma como se relacionam e participam de espaços em comum.

Para coleta de dados, utilizou-se a História Oral como instrumento que possibilita ao sujeito investigado rememorar sua trajetória de vida; com a duração em média de 50 minutos a 2 horas e 05 minutos. Para orientar o trabalho da pesquisadora, utilizou-se um roteiro com perguntas orientadoras, as quais foram complementadas ao longo do diálogo estabelecido com o sujeito investigado.

No primeiro momento, enviamos convites e a abordagem foi individual e, posteriormente, em trios com perguntas que mapearam as atuações deles nos diferentes espaços de convivência e resistência da população negra.

Quadro 2: Sujeito investigado, idade e sexo dos entrevistados.

Sujeito Investigado	Mulheres	Homens	Idade
SI. 1	x		69
SI. 2	x		54
SI. 3	x		67
SI. 4		x	72
SI. 5		x	61
SI. 6		x	37
SI. 7		x	32
SI. 8		x	26

Fonte própria autora.

No nosso cronograma e no planejamento inicial, as entrevistas seriam realizadas através de aplicativos (on-line), considerando a pandemia da Covid-19; no ano de 2021, porém houve um estranhamento por parte dos entrevistados, devido ao adiantado da idade e a falta de domínio com as tecnologias. Marcamos as entrevistas pessoalmente, seguindo os protocolos de saúde vigentes.

Deve-se destacar que a História Oral exige esta relação de empatia entre investigador e investigado, por que a confiança que se estabelece entre eles influencia na intensidade do envolvimento do entrevistado com o objeto de pesquisa. Saber quem é o pesquisador e construir vínculo com ele é fundamental.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 2002, p. 17).

Prazerosa foi a experiência, pela troca de conhecimento e vivências, por sentir no tom da voz a afetividade e carinho com que estes lembravam das suas vivências, das suas histórias/memórias. Um momento ímpar de reconstrução e de afirmação da identidade, pertencimento, reforçando o autoconhecimento.

5 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao entrevistarmos e conhecermos a história de vida dos nossos sujeitos pesquisados, foram revisitadas suas memórias, logo fomos remetidos às lembranças, a ideias, ao conhecimento e experiência adquiridas ao longo de suas existências, fonte inesgotável de informações, a base principal para a construção da história de um povo. Ela é subjetiva, fragmentada, pois, o indivíduo lembra o que faz ou fez sentido para ele em um determinado momento.

No trabalho de campo constatamos que os sujeitos investigados pela sua condição de cor, condição social, religião e gênero, foram discriminados fortemente e precisaram criar alternativas para continuarem a lutar pelos seus direitos.

A união do grupo estabelecido/dominante permitia ao mesmo reservar a seus indivíduos posições de maior poder na sociedade, reforçando seu “poder” e excluindo dessas posições qualquer membro de outro grupo, mesmo esse grupo vivendo na mesma cidade, esse estigma torna-o vulnerável.

Percebemos na fala do sujeito investigado,

“os capuchinhos os padres capuchinhos que fundaram Itaqui né, ai ela vinha de lampião eu me lembro, os capuchinhos eram quem rezavam as missas na igreja” SI. 1

Os indivíduos tentam participar dos espaços, incluir-se, porém, são impedidos. Conforme constatado na fala;

“O pai mandava nós assistirmos aula de catequese, mas o padre não deixava nós entrar na igreja”. SI. 1

“horror, eu me lembro que nós íamos na igreja e tinha um padre era o padre Thiago, na época nós morávamos ali no fundo do teatro , ele não saía ali de casa, mas não deixava nós entrar na igreja, porque eram caboclos e meu pai era de terreira e nós entrava na igreja e roubava água benta deles, pra batizar as crianças nas casas” SI.3

Desta forma começaram a reunir-se em grupos onde eram aceitos, já que não podiam frequentar alguns lugares. A não ser a convite e mesmo assim, por pouco tempo.

Relatado na fala do sujeito investigado:

“CESSA estava contando quando foi rainha, ah! Sucesso da Ases do Ritmo ai levavam pra se apresentar no comercial, no caixeral, daí podíamos entrar nos outros clubes, mas só entrava na hora que a escola estava se apresentando, se não nós não entrava” SI. 3

Ressaltam os sujeitos investigados que a escola de samba é o espaço de convivência, diversão e cultura;

“Eu vivo com os meus vizinhos no carnaval, na escola de samba eu vejo as crianças, convivo, carnaval pra mim é união é um momento que consegue reuni as pessoas”. SI.6

“o carnaval é importante porque é um momento de alegria de todas as passagens que nós vivemos durante o ano, lembrando de todas as coisas trágicas, eu acho que é um reveillon , porque a vida não deixa de ser uma grande festa, e também de relembrar a nossa história, nossos antepassados” SI. 6

“participa de escola e samba , que fazem mais ou menos 20 anos que participa do carnaval ; Que o carnaval é importante tanto na parte cultural como financeira, primeiro que envolve valor muito financeiro, pra costureira , pra bordadeira , pra soldador, pro empurrador, por lanche, e cultural em relação às pessoas de menor poder aquisitivo porque nunca eu vou esquecer, que eu quando tinha a idade de 12 ou 13 anos, era uma função assistir o carnaval aquilo era um evento, porque nós não tínhamos condições de ir viajar”. SI. 7

No que diz respeito aos clubes, os sujeitos investigados relatam que,

“o pai era presidente na época do clube Aurora; cheguei a ver tudo isso , que tinha o Sovaco da Cobra, no outro lado era o clube aurora que era na esquina do Saulzinho” SI.3

“ia no clube Aurora , que ia no Guarani, no bailão nas “Negas Touro”, Sovaco da cobra”. SI.5

“Que não participava de clubes sociais , mas tinha muita vontade, sim sabe de participar, eu via que tinha muitas festas , festa do Havai, festa do verde e branco, baile das piscinas , baile das debutantes, tinha todos esses clubes sociais, era bem alto valor assim” SI.6

“participou poucas vezes dos bailes do clube cassino, porque ali era uma parte “inferior”, tu tinha muito acesso ali sabe, porque era formado por pessoas de menor poder aquisitivo e automaticamente tinha contato com elas conhecia as pessoas” SI. 6

Acredita que a história referente a religião não foi passada pelos pai, devido ao preconceito. Conforme fala do sujeito investigado;

“conversando sobre religião de matriz africana inclusive, e eu fui descobri que a minha avó e a minha bisavó tinham terreiras onde hoje é a casa de minha mãe; E hoje em dia eu me pergunto Por que que isso não veio passado pro meu pai ou passado pra minha mãe, mas hoje em dia eu entendo que pelo fato de que o preconceito era maior e ter que seguir uma doutrina que se enquadre nos meios sociais e “legais”, agente acha que foi por isso que não foi levado e isso foi resgatado depois de duas gerações, eu e meu irmãos todos somos de religião de matriz africana e a isso foi resgatado praticamente uma herança praticamente familiar” SI.7

Na religião de matriz africana, praticada nos terreiros, existe a solidariedade e o respeito aos excluídos socialmente diz que;

“a religião que pratica hoje foi de livre vontade, porque a religião de matriz africana ela abrange e acolhe todo aquele pessoal que são discriminados na sociedade; Que chegar numa casa de religião é como ter uma outra família” SI. 7

“fizemos mais de 100 cestas de páscoa para servir na comunidade; Eu acredito que envolvendo a comunidade as pessoas vão ter outra visão , no dia das crianças agente juntou 500 brinquedos pra distribuir no bairro ao redor ali, inclusive chegamos em casa de pessoa que praticam outro tipo de religião, foi tudo tranquilo, chegamos explicamos, tem amigos meus que nos apoiam, ajudam” SI. 7

Nesse contexto, podemos observar que a população negra ora era incluída na sociedade, quando podia frequentar e entrar nos clubes da elite Itaquense para alegria e diversão dos associados, ora, era excluída. O que se denota que as relações sociais se situavam em outros espaços, porque ficavam recolhidos nos clubes ditos de negros ou das minorias, nos terreiros espaço de solidariedade e

ajuda mútua, onde buscam forças para prosseguir, e por fim as escolas de samba espaço para diversão, cultura e lazer.

Em Itaqui-RS observa-se uma diferença em relação ao trinômio que temos como estabelecido em outras regiões do Brasil como redutos de resistência da população negra e brancos pobres: os quilombos, os terreiros e os clubes sociais. O termo “quilombo” é originário da língua banto, onde kilombo significa povoação ou fortaleza. Conforme Munanga,

“O quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo afro-banto reconstruído pelos escravizados para se opor a estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se juntaram todos os oprimidos” (MUNANGA, 2012. p, 93).

Exemplo desta adaptação dos “quilombos Africanos”, o Quilombo dos Palmares, símbolo da resistência negra, liderado por muitos anos por Zumbi dos Palmares; os quilombos são de extrema importância para esse povo que desde a colonização procurou formas para sobreviver e resistir a todas as violências enfrentadas em virtude de cor da sua pele, credo e ou condição social.

No entanto, Itaqui-RS manteve sua economia baseada desde a divisão das sesmarias na pecuária, portanto, os negros que aqui faziam morada trabalhavam com a pecuária nas estâncias, sendo peões, capatazes e as mulheres que trabalhavam na lida doméstica, nos cuidados da casa e das crianças dos seus senhores; mais tarde com a abolição da escravatura passaram a ser “posseiros” ou moradores no “fundo de campo” (conhecidos como agregados).

Essa dominação de uma raça sobre a outra, de um povo que se julga superior, onde alguns espaços não eram de livre acesso a todos os cidadãos brasileiros e presenciamos infelizmente nos dias atuais.

5.1 PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO A COR

O preconceito está arraigado na estrutura das sociedades, compreende o julgamento que os indivíduos fazem antes mesmo de conhecer determinada situação, assunto, pessoa, “pré” aqui equivale a “antes de”. Na conjuntura social atual sabemos que existem os mais variados tipos de preconceitos, relacionados à

raça, ao gênero, a religião, a condição social, orientação sexual, linguístico, deficiências ou características físicas, entre outros.

Sofrer o preconceito, quando determinada atitude fere moralmente outra pessoa ou grupo, causa uma sensação de menos valia, afeta o psicológico, podendo causar sérios problemas (traumas) psicológicos. Violência e preconceito andam lado a lado; de forma preocupante vemos nas mídias o aumento de casos de preconceito e violência contra alguns grupos sociais, aumento da intolerância religiosa, principalmente em relação às religiões afro-brasileiras.

A luta contra o preconceito deve ser uma luta de todos, como previsto na Constituição Federal de 1988:

“Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Inciso IV do Artigo 3 da Constituição Federal de 1988.

Ser atingido pelo preconceito implica viver isolado, viver no seu grupo, muitos criam estratégias para resistir, como forma de resistência aliam-se aos seus opressores, aqueles que o “fazem o sofrer”. Situação denominada pelo Filósofo Alemão Geor Wilhelm Friedrich Hegel como a dialética do senhor e o escravo; segundo esta perspectiva o dominado aceita a dominação para fugir dos instrumentos violentos de repressão.

Em uma perspectiva teórica aqui assumida, a subalternidade é um processo de subalternização que os setores dominantes impõem aos grupos ditos subalternos, adotando-se muitas formas de constrangimentos à participação efetiva nos processos de emancipação política e cultural.

No caso aqui estudado, a população negra (tendo como referência os entrevistados) assume a sua condição subalterna, mas se divide em relação ao posicionamento de aceitação ou insurgência. Como observamos na fala do sujeito investigado 2:

“1998 eu fui presidente do Uirapuru, nós elegemos a primeira rainha preta, negra preta, não morena, rainha do carnaval de rua de Itaqui, na época foi um borburim, tiveram que engolir o preconceito e aceitar tanto que agora trazem pessoas de outros lugares para concorrer ao carnaval de rua” SI 2

Algumas pessoas não se abatem e nem aceitam a dominação/opressão, encontrando forças para lutarem pelos seus direitos de liberdade, igualdade e

equidade, constituindo assim formas de apoio mútuo, empatia; ao sofrer com preconceito e discriminação, insurgem-se e buscam a solidariedade de seu grupo social para o engajamento na luta.

Em relação à cor da pele, característica da forma de manifestação do racismo no Brasil, os entrevistados reconhecem que existe um marcado preconceito racial; a cor da pele está atrelada aos indivíduos pela sua genética herdada, referindo-se a pigmentação da pele, a qual varia de marrons escuros a tons claros.

Na fala do sujeito entrevistado:

“O tema racismo na nossa família foi abordado a vida toda porque sempre nos trataram como **os negros do sapo**” SI.

São cinco as classificações que mais aparecem nos questionários que frequentemente respondemos aos recenseadores do IBGE: preto, pardo, amarelo, branco e indígena.

O autor Quijano, em “A Colonialidade do Poder e Classificação Social”, publicado em 2009. pg. 107:

“A ‘cor’ da pele foi definida como marca ‘racial’ diferencial mais significativa, por ser mais visível, entre os dominantes (imbuídos de pretensão superioridade), chamados de ‘europeus’, de um lado, e o conjunto dos dominados/inferiores ‘não-europeus’, do outro”.

5.2 PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO CONDIÇÃO SOCIAL

Este processo desumano, onde a sociedade insiste em reproduzir e condicionar indivíduos a uma condição subalterna, impondo um “lugar” para cada indivíduo ou grupo, é admitido pelos entrevistados; os quais lembram que ainda se carece de leis efetivas para garantir a igualdade pressuposta na Constituição Brasileira. Conforme Quijano (2005, pg. 117),

“E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como constitutivas delas e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população”.

Acrescenta o autor que Quijano (2005, pg. 138),

“A dominação é o requisito da exploração, e a raça é o mais eficaz instrumento de dominação que, associado à exploração, serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista”.

Desigualdade social é um problema que afeta muitos brasileiros, aliás grande parte da população; em virtude da pandemia, muitas famílias passam por situações difíceis e sem amparo adequado dos governos, baixos salários (ou nenhum), dificuldade de acesso aos serviços básicos como: saúde, saneamento. Falta de acesso à educação de qualidade, constituem algumas das consequências da desigualdade entre outros.

Entrevistado referindo se às oportunidades de trabalho:

“Não logo de cara eles não aceitam, tu sente, ganha um não com elegância, a gente te chama mas nunca mais”. Pesquisa de campo.

"A partir dos meus 16 anos, quando terminei o ensino médio, eu não tive condições, assim como meus outros colegas, não sair e fazer faculdade, fiquei na cidade e as pessoas diziam que não tinha vaga, que não tinha experiência, sofri muito". Pesquisa de campo.

5.3 PROCESSO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO A RELIGIÃO

Uma onda crescente e assustadora de discriminação e preconceito religioso é o que vivenciamos diariamente, pessoas são atacadas em repartições públicas e privadas, os adeptos das religiões de matriz africana são veementemente agredidos ou ameaçados, seus templos, cultos e rituais são objeto de restrições. Inclusive existem várias tentativas em curso no congresso, visando proibir legalmente algumas das tradições ritualísticas.

“Discriminação verbalmente não, mas quando tenho que despachar alguma coisa e tem vizinhos, na esquina, na frente, a gente percebe que os olhares são de medo, terror e pânico”. SI.6

“Muita discriminação principalmente por parte dos evangélicos, eles querem dominar, são muito intolerantes”. SI.3

Relata o sujeito investigado que,

“lembro de uma vez que estava fazendo um axé na esquina evangélicas e vieram umas pessoas começaram a gritar, “queima, queima satanás queima” essa parte de despachar os axés é totalmente complicado, tem pessoas que não entendem era um axé de saúde”. SI.6

Considerando que a população negra de itaquí é muito coesa, constatamos na pesquisa que existe uma interrelação, entre as pessoas que frequentam o clube social Cassino, estão nos terreiros, e nas escolas de samba, mantendo vivo carnaval de itaquí, portanto, foram uníssonos em afirmar que: racismo, preconceito coexistem nesse tecido social. Conforme dados do IBGE, no censo do ano de 2010.

Quadro : Dados religião e número de pessoas

Religião	Número de pessoas
Sem Religião	1.594
Candomblé	80
Católica Apostólica Brasileira	786
Católica Apostólica Romana	20.500
Espírita	1.538
Espiritualista	11
Evangélica	12.422
Igreja De Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias	306
Não Determinada e Múltiplo Pertencimento	196

Novas Religiões Orientais	176
Testemunhas De Jeová	347
Umbanda	194
Umbanda E Candomblé	275
Não Sabe	8

Fonte própria autora, conforme dados do IBGE

5.4 A SOCIEDADE ITAQUIENSE E A NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA E LUTA

Os elementos constituintes do patrimônio cultural de Matriz Africana presentes na sociedade Itaquense e presentes na fala dos entrevistados, estão relacionados a suas vivências nas escolas de samba, nos terreiros e nos clubes sociais negros.

Nesta sociedade Itaquense, um núcleo importante surge e se estabelece enquanto estratégia de enfrentamento das desigualdades, representando união e força de um povo que a muito tempo vem sendo atacado como se não fossem dignos de transitar em espaços “Branços”.

Criam-se assim, as suas formas de organização, fraternidade e apoio, já que unidos, o caminho fica mais leve, pois a luta é necessária, para que os vejam, que os respeitem ou, pelo menos, terão que nos “engolir” (expressões utilizadas pelos entrevistados).

Surgiu assim, a partir de encontros nos bares, como “Cá Te Espero”, bar localizado antigamente na esquina do porto (onde hoje é uma Sorveteria) e o bar “Sovaco da Cobra” onde hoje é o prédio dos “Monteiro”, laços identitários em relação a sua condição subalterna; e, ao lado do bar “Sovaco da Cobra” foi a sede de um Clube Social Negro que ruiu em pleno baile de carnaval, o Clube Aurora, espaço fundamental de sociabilidade, onde apenas negros frequentavam.

Também merece destaque o Clube Cassino², ainda em funcionamento, pela sua resistência, sedia o Festival de Músicas para o Carnaval. Nesses encontros,

² Com a desmoronamento do Clube Aurora, onde frequentavam negros e brancos humildes, nasce o Clube Serrano, o que mais tarde torna-se Clube Cassino, o qual tradicionalmente sedia as festividades carnavalescas e festivais promovidos pelas escolas de samba.

conversas entre amigos nos bares e nas experiências vivenciadas nos clubes sociais negros, nasceram as primeiras escolas de samba e os blocos ranchos.

Espaços de sociabilidade, convivência, diversão e resistência da comunidade negra Itaquense, neste contexto em aparece a discriminação de gênero que é excludente, tanto quanto a discriminação cor/raça.

Conforme fala do sujeito investigado,

“a professora da escola, porque já fazia duas semana que ela chegava pra dar aula, a minha classe era bem na frente da mesa dela, ela falava com a turma e passando trabalho, ela passava folha pros colega e ai um dia eu questioneei e disse professora eu estou aqui também , não lia o meu nome na chamada, ela me olhava bem sério, e ai no outro dia de montar grupo ela montou os grupos, ai eu falei pra ela é impressão minha ou a senhora não está me enxergando , eu tenho que participar de um grupo, ai ela me falou, estou de enxergando sim, mas não sou obrigado a falar com pessoa que fez a tua escolha sexual e religiosa”. SI.2

5.4.1 AS ESCOLAS DE SAMBA

Em 1957 foi fundada a primeira Escola de Samba de Itaquí, “Filhos do Mar”, graças ao destacamento de Fuzileiros Navais que aqui aportaram, entre eles alguns cariocas conhecidos por serem exímios ritmistas; nesse momento, acontece o primeiro desfile pelas ruas da cidade com bateria em 1958. Os ensaios da escola ocorriam no bar “Cá te Espero”.

Atualmente temos três escolas de samba em nossa cidade, a GRES Império do Arco Íris; cabe destacar que oficialmente é esta a data constante nos documentos, porém a escola mais antiga iniciou sua formação como bloco rancho. A GRES Acadêmicos da Mocidade e a GRES Vila Ênio Sayago.

Quadro ordem cronológica adaptado do livro Fronteiras do Samba “O resgate de uma história”

Ano Fundação	Escolas de Samba
1957	Filhos do Mar
1958	Noel Rosa
1963	Ases do Ritmo

1973	Unidos da Beira Rio
1975	Acadêmicos Mocidade Independente
1986	Unidos do Surdo
1988	Almirante Saldanha da Gama
1990	Império do Arco Íris da Vila Mota
1993	Unidos do Uirapuru
1993	Mocidade Salgueirense
1995	Caprichosos da Vila Nova
1995	Unidos da Vila Ênio Sayago
1996	Unidos da Promorar
2003	Brilho Africano
2006	Imperatriz Itaquiense
2007	Águias do Samba Itaquiense

Fonte própria, adaptado do autor Marcio Barros, ano 2011.

A formação dos Blocos Ranchos ocorria por desentendimentos dentro das escolas, formando assim dissidentes; curiosamente os blocos ranchos eram formados por pessoas com poucos recursos econômicos. Seria um contrassenso se as fantasias utilizadas pelas escolas que exigiam recursos que muitos não tinham, excluísse do carnaval os mais pobres; então, isso justificava os Blocos Ranchos.

Os grupos formados a partir desses encontros nos bares da cidade, nas imediações do porto e da praça central, foram denominados “Blocos Ranchos” que mais tarde se tornaram escolas de samba.

Desta forma, conforme levantado na pesquisa de campo, “as escolas de samba são o símbolo de resistência nesta cidade”, as quais arrastam muitos Itaquienses para assistirem seus ensaios e desfiles, entendidos como um momento de lazer para aqueles que não tem condições de viajar nas férias.

Entendemos assim que a comunidade negra Itaquiense encontrou uma forma de resistir, abrindo espaços para transitar no espaço social denominado dos

“brancos” ou da classe dominante, a qual não os deixavam entrar livremente em seus bailes realizados nos clubes sociais “dos brancos”.

“Eu fui barrada, impedida de entrar no clube caixeiral, o segurança simplesmente colocou as mãos em mim, não deixando entrar, a escola podia entrar e eu não só porque era negra, a escola resolveu não entrar como protesto.” Pesquisa de campo

No entanto, as escolas de samba no carnaval eram convidadas a participarem, animando os bailes com seus ritmistas e passistas, ou seja, neste momento, e tão somente nesse momento, os negros acessavam estes locais. Após a apresentação estes tinham que se retirar dos bailes.

“Não me imagino longe, claro nada é para sempre a gente cria raízes e outras pessoas tem que agregarem, florescerem, mas, hoje é a minha rotina de vida, aquela escola me pertence e eu pertencço é mais amor do que razão” SJ 9

Patrimônio vem do latim pater, que significa pai, ou seja, patrimônio é aquilo que se deixa de uma geração para outra, de pai para filho; com o tempo, a palavra patrimônio passou a ser associada às riquezas, bens de uma família, de uma empresa.

5.4.2 RELIGIOSIDADE POPULAR

A religiosidade não está relacionada a uma religião específica e sim às práticas, crenças, rituais das mais variadas fontes, confortando o íntimo de cada ser, aderindo a santos populares, “santinho” (seja imagem como estátua ou imagem dos santos impressas com orações atrás), objetos considerados sagrados como “figa”, pé de coelho, trevo de quatro folhas, além de outros.

Esta busca da religiosidade popular que envolve as benzeduras e uso de ervas medicinais, tendo o intuito de encontrar a solução para seus problemas/males, porém, com ressignificações próprias.

Seres humanos administrando fatos sociais, na busca do conforto para seu interior através da religiosidade, recorrendo às benzedeadas, rezas e, claro, aos rituais das mais variadas religiões.

A importância que a religião tem na vida de seus praticantes, ao acreditar em um ser superior, vivenciar a religiosidade dentro/fora dos ambientes institucionais, proporciona uma melhoria nas condições física, espiritual e social, respeito ao outro, sentimento de cooperação, ajuda e empatia.

As comunidades religiosas fornecem uma Identidade, um sentimento de pertencimento, conjunto de características sociais de um grupo onde a pessoa está inserida; elementos como o local, o idioma, a cultura, a história, são pontos importantes para que a identidade seja reforçada, às vezes associados à religião.

A chegada dos Negros escravizados no Brasil e a violência do regime de escravidão, fez com que os negros buscassem na fé uma forma de aguentar o sofrimento.

Com base nos fragmentos trazidos na memória, negros vindos de diferentes regiões do continente africano, constituíram rituais de celebração de suas entidades divinas; assim, constituem-se a religião de matriz africana³, envolvendo diferentes formas de culto como o Candomblé, Batuque (no RS), Tambor de Mina, Xangô do Recife, além das diferentes formas de culto na região amazônica, as quais tem influência indígena.

Cultura é o conjunto de crenças, valores e tradições de um grupo social, passada aos mais novos através da oralidade e também da imitação. Fazer juízo de valor sobre qualquer aspecto cultural, menosprezando este ou aquele elemento ligado a uma determinada matriz cultural, constitui-se em comportamento conhecido como etnocentrismo (entendimento que existe um centro do mundo, o qual é associado a presença de determinada etnia).

No caso do Brasil, o pensamento colonial considera o continente europeu como centro do mundo, sendo os seus valores e hábitos considerados superiores em relação a outros povos. Com base nesta compreensão de mundo instaura-se o preconceito contra os indígenas e descendentes de africanos.

³ Usa-se o termo religião no singular por que parte-se do pressuposto de que todos os complexos ritualísticos constituídos no Brasil, o foram a partir de referências de uma matriz cultural africana, componentes de uma mesma tradição.

5.4.3 RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA: UMBANDA

Nasce em 15 de Novembro de 1908 uma religião 100% brasileira, a Umbanda, palavra da língua Angolana quimbunda que significa “magia”, a “arte de curar”. Religião monoteísta de Deus único, mas tem a presença de guias espirituais, caboclos e pretos velhos.

Na Umbanda existe uma mistura de elementos do catolicismo, espiritismo kardecista e de elementos do candomblé. Acredita-se na imortalidade da alma, na reencarnação, na interação entre o terreno e o sagrado e na existência de guias espirituais.

Os valores morais de referência são a fraternidade e a caridade, celebram consagrações, batizados e casamentos. Os rituais são realizados nos terreiros e também ao ar livre, a natureza é um elemento primordial para o culto. As vestes utilizadas são brancas e os pés descalços, simbolizando a igualdade. Não é considerada uma religião de matriz africana e sim uma religião afro-brasileira.

5.5 RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

A religião de matriz africana foi trazida na memória dos negros, os quais vieram para o Brasil de diversos lugares de África para serem escravizados. Como foram retirados do seu lugar de origem, não trouxeram bens materiais, somente o que aprenderam com seu povo.

As religiões de matriz africana são passadas de geração para geração, através da oralidade, qualquer tentativa de sistematizar e escrever esses fundamentos será meramente uma tentativa, visto que a aprendizagem se dá pela prática, no convívio e na interação com os mais velhos. Vale dizer que esta religião passou por uma reorganização, adaptação para ser cultuada em solo Brasileiro, pois, os elementos que eram cultuados na África não existiam aqui.

Conforme observado nas entrevistas em Itaqui-RS muitas casas de religião (terreiros) termo usado para designar determinado local de chão batido, onde se cultivam, ervas, flores e chás que são usados nos rituais sagrados. Muito característico no Candomblé da Bahia, onde os terreiros tradicionalmente tem uma área de terra. Já com a urbanização dos espaços ritualísticos, muitas vezes não se tem mais a presença da área de terra (sem piso artificial).

Batuque ou Nação é o nome da religião de matriz africana constituída no Rio Grande do Sul, a qual cultua os Orixás em memória às nações africanas que aportaram neste território, Oió, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô. Os Orixás são integrantes da mitologia Yorubá, historicamente vinculada aos povos da região centro-ocidental da África, onde hoje fica a Nigéria.

Yourubá é um idioma que se difunde por vasta região africana, através da constituição do Império de Oyó, o qual dominou por 300 anos uma grande porção territorial, onde viviam diversos povos. Os Orixás são divindades⁴ que se relacionam com as diferentes forças da natureza e referem-se a pessoas que existiram no passado e ficaram marcadas por seus feitos.

No Rio Grande do Sul, nos terreiros é comum termos o culto da Umbanda, do Batuque e da chamada Linha Cruzada ou Quimbanda (culto de entidades denominadas Exús, Pombagiras e os Ciganos; Portanto, quando se escuta o termo “sou de religião”, “casa de religião”, se faz referência a esta aglutinação, ou seja, o culto dos três complexos ritualísticos⁵, mesmo que alguns possam cultuar apenas uma ou duas formas de manifestação religiosa.

Na fala dos sujeitos entrevistados sobre as primeiras terreiras em Itaqui:

“as primeiras casas de religião aqui foram do seu Abílio, Anaurelino e a do seu Assunção” SI.1.

“a terreira mais antiga e a Tereza do Sr. Walson, depois vem a Mina, O Paulinho da Oxum, O pai Betinho de Yansã” SI.

Os terreiros são frequentados por pessoas de todas as camadas sociais e identidades étnicas; A Partir da década de 1950-60, expandiu-se para cidades uruguaias e argentinas.

“então a religião sim ela é boa ajuda as pessoas, eu nunca pensei imaginei em ter tanta gente do meu lado como eu tenho eu viajo Buenos aires, todo rio grande do sul, tenho gente alemã, aqui em casa, Carlos Barbosa, clientes italianos que são jogadores futebol da Itália, Buenos Aires, Uruguai, Paraguai intercâmbio de religiões, sempre teve só que agora expandiu mais” Babalorixá- pesquisa de campo.

⁴ No culto aos Orixás, existe um Deus criador, Olorum ou Obaluyáê, força suprema.

⁵ Umbanda, batuque e quimbanda.

Conforme publicado no Para saber Mais do IPHAN, pg 12.

“O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo”.

5.5.1 NAÇÃO/BATUQUE

Chamado também de nação pela diversidade cultural dos africanos que aqui chegaram, trazidos de vários lugares da África; assim, temos as Nações Oyó, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô. Independente da nação cultuada, os orixás são compostas por 12 divindades; Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxum, Iemanjá e o grande pai Oxalá.

Conforme relata sujeito entrevistado 5:

“temos aqui a herança africana dos nossos antepassados esses africanistas que vieram de tão longe, açoitado , amarrado nos navios negreiros, que trouxeram para o Brasil essa Nação, que tem várias nações de Candomblé, tem nação Nagô, Jêje, Ijexá, cabinda, Oyó, a minha linha é Jêje e Ijexá, é aonde eu fui feito pelo saudoso pai Airton” SI.5

5.5.2 LINHA CRUZADA

Configura -se como uma expressão religiosa nova, dados indicam que surgiu no ano de 1960, estando em crescimentos nos terreiros, o que credita-se ao fato de ser mais fácil aprender o ritual quando comparada a nação/batuque e mais econômico; podendo seus adeptos somarem forças míticas da umbanda e da nação.

5.6 CLUBE SOCIAL

Os clubes sociais negros apresentaram-se entre meados de 1950 e 1980 como um espaço social onde as interações produziam uma satisfação imediata e as disposições adquiridas implicam um ajustamento a essa posição. (Bourdieu, 2004).

Na fala abaixo:

“Nossa maior tristeza é ver o clube Cassino assim, do estado que está, nossas vidas se passaram ali dentro, a gente viveu dentro daquele clube, e não queremos que aconteça com o Cassino o que aconteceu com o Caixeiral”. SI. 2

Sabemos que os clubes sociais viveram o auge, época de riqueza e ostentação, dos bailes onde os associados participaram ativamente. Porém, na atualidade não é mais assim. O Clube Caixeiral, acima referido, passou por recente processo de judicialização que ocasionou o leilão de seu prédio.

O Clube do Comércio foi fundado em 1916, o Clube Caixeiral em 1935, constituindo-se em espaços destinados a elite branca de Itaqui; o Clube Cassino fundado em 1949, constituiu-se em espaço a ser frequentado por negros e brancos pobres, excluídos dos demais clubes.

Os sujeitos pesquisados relataram a existência de um outro clube que ruiu em pleno baile de carnaval, o “Clube Aurora” considerado um clube social destinado aos negros.

Conforme sujeito investigado os negros eram impedidos de entrarem nos clubes dos “brancos”.

“Meus irmãos filho do mesmo pai e da mesma mãe, um foi aceito para ser associado do Clube Caixeiral, só porque um é preto e o outro é mais claro. Mas o outro tinha mais estudo, já estava estudando para ser advogado e o outro não”. SI.3

Para frequentar o clube, não podia ser qualquer vestimenta e o comportamento deveria ser adequado, tendo em vista que era entendido como mobilidade social.

“Nunca nos sentimos minoria, eles que dizem que somos”. SI.1

A ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas, mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais ou valor de mercado.

Em Itaqui-RS, não havendo Quilombo reconhecido como tal, temos a resistência centrada na trilogia: clubes sociais negros, escolas de samba e terreiros, como debatido anteriormente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu como mulher negra, nasci e cresci nesta cidade, tenho vivência nos espaços sociais atribuídos aos “Negros”, onde construí relações de amizade, coletividade e de pertencimento. Nestes locais todos são bem vindos!

Vivi o auge do clube social em 1994 quando ainda pequena frequentava os bailes infantis, momento este de alegria e diversão junto a minha família. Essa cultura carnavalesca sempre esteve presente, comecei a desfilas no ano de 2010 na extinta escola de samba Imperatriz Itaquiense.

Em 2007, por razões profissionais, comecei a criar laços de amizade com os moradores da “Vila Mota” e logo fui convidada a desfilas. Lugar este em que meu filho aprendeu a dar seus primeiros passos, a se relacionar e conviver coletivamente. Foi escolhido ritmista revelação no ano de 2020 com 7 anos pela escola de samba Império do Arco Íris.

Esta pesquisa veio como estímulo, quando conversando com alguns sujeitos investigados, descobro parte da minha própria história, que se não fosse pela pesquisa certamente não saberia, meu avô materno foi presidente do Clube Aurora e presidente da escola de samba, hoje extinta Noel Rosa,

Passei a questionar-me porque essa história não foi contada? Apagamento da nossa história? Impreguinado no imaginário social, tudo que é produzido pelos negros não tem valor. Parece que somos invisíveis! Essas reflexões nos levam a assumirmos a responsabilidade pela mudança do estado das coisas.

Esta pesquisa é de extrema importância, em virtude do pioneirismo, ficaram lacunas e outros pesquisadores podem agregar conhecimento, para a valorização da Cultura de Matriz Africana, esta pesquisa deve continuar observando que faltam estudos sobre a condição negra na sociedade bem como a sua contribuição para o crescimento desta cidade Itaqui-RS.

O resgate da história foi viabilizado pelo NEABI-Diva Rodrigues, UNIPAMPA-Campus Itaqui-RS, juntamente com os colegas de caminhada, na intenção retirar da invisibilidade e manter viva a cultura de matriz africana, esta pesquisa fundamental para a fundação do Centro de Memória no Clube Cassino.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel (Curadoria). **Os herdeiros da noite; fragmentos do imaginário negro**. Ministério da Cultura/Secretaria da Cultura de Belo Horizonte, 1995.

ASSUMPÇÃO, Euzébio; Maestri, Mário (org.). **Nós, os afro-gaúchos**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1996.

BARTH, Frederik. “**Grupos Étnicos e suas fronteiras**” In. POUTIGNAT, P. e STREIFFENART, J. Teorias de Etnicidade. São Paulo, UNESP, 1997.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. SP: Brasiliense, 2004

* _____. (1980). **O Capital Social** – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no mundo dos brancos**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, 3. ed. São Paulo: Ática, 1978; vol I e II;

FLORES, Moacyr. **Modelo Político dos Farrapos**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

* _____. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002 . v. 5.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo:1990.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais.** Rio de Janeiro, RJ. 2020 Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>. Acesso em: 01 Abril. 2021.

ITAQUI (RS). Prefeitura. Disponível em: <http://www.itaqui.rs.gov.br/?action=estatico&eld=1>. Acesso em: 26 Abril. 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Patrimônio Cultural Imaterial : **para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Arte Afrobrasileira. In Arte Afrobrasileira** (Mostra do Redescobrimento), Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, São Paulo, 2000.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**, séculos XVIII-XXI: documento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu**: SCIELO, 2002. <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>) Acesso em: 15, Abril, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 2002.

WEBER, Max. **Sociologia da Dominação**. In: WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UnB, 1991. p. 187-234.

ANEXOS

Roteiro da pesquisa de campo

- 1- Nome? idade?Profissão?O senhor(a) é natural de Itaqui? Estudou até qual série?
- 2- Durante a sua educação familiar (infância) havia discriminação em relação a cor, raça, religião?
- 3- Na escola havia tratamento diferenciado aos negros?
- 4- Lembra de um caso em que tenha sofrido discriminação?
- 5- Quais lugares costumava frequentar em sua juventude?
- 6- Na sua família existiam hábitos culturais que acredita terem sidos passados dos seus antepassados? (Avós, pais, tios)
- 7- Na busca por trabalho alguma vez foi preterido por sua raça ou religião?
- 8- Se lembra com qual idade o tema racismo foi abordado em sua família?
- 9- Participava de algum clube social? Porque?
- 10- É descendente de pessoas que foram escravizadas?
- 11- Quais manifestações da cultura negra o senhor(a) valoriza?
- 12- Acredita que sua situação econômica poderia ser melhor? por que?
- 13- A religião que pratica, acredita que foi herança dos antepassados ou adotada de livre vontade? Qual sua religião?
- 14- Que mudanças o senhor(a) percebe hoje em relação a aceitação dos negros na sociedade?
- 15- Qual importância vê nos clubes sociais e nas escolas de samba para preservar a cultura afro-brasileira?
- 16- Como o senhor vê os terreiros hoje

Específicas: Escolas de samba:

- 1- Porque participa de escolas de samba?
- 2- Qual a importância do carnaval para o senhor(a)?
- 3- Qual a função das escolas de samba na sua opinião?

Para os adeptos dos terreiros:

- 1- A quanto tempo o senhor(a) participa do terreiro?
- 2- Qual a importância do terreiro para o senhor(a)?
- 3- O senhor(a) sofreu discriminação em relação a religião? Podes citar algum fato onde houve discriminação?
- 4- O senhor vê atos de intolerância contra os terreiros e suas lideranças?

Para os sócios do Cassino:

- 1- Há quanto tempo és sócio do clube cassino?
- 2- Costumava frequentar o clube? Em que tipo de evento?
- 3- Qual importância teve o cassino na sua vida e de sua família?

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:

Mapa geográfico, localização de Itaqui seção 3.



Fonte: IBGE.

FIGURA 2:

Quadra escola de samba.



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 3:

Quadra escola de samba Império do Arco Íris



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4:

Apresentação da Bateria da escola de Samba Império do Arco Íris no Anima campus 2019 - Itaqui- RS.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 5:

Apresentação da Bateria da escola de Samba Império do Arco Íris no Anima campus 2019 - Itaqui- RS.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 6:

Oferenda a Iemanjá no dia 02 de fevereiro.



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 7:

Culto Religioso Umbanda, na data de 13 de Maio ; Homenagem à abolição da escravatura.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 8:

Festa de batuque/nação



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 9:

Copene em Jaguarão no ano de 2019, Amalá de Xangô, comida de santo, servido à todos que lá estavam.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 10:

Visita a igreja dos filhos iniciados no batuque.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 11:

Foto antes da festa linha cruzada.



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 12:

Confraternização antes do ritual da linha cruzada..



Fonte: Acervo pessoal